

Transitoriedade e seus impasses¹

Maria Angelica Amoriello Bongiovani,² Presidente Prudente (SP)

Resumo: Este trabalho é sobre um analisando melancólico que busca análise para compartilhar dor e angústia, vivas e atuais, de sua infância, adolescência, fase adulta e idosa. Taciturno, magro, mal-humorado e de difícil acesso, só deseja se suicidar. Automatismo, concretude e incapacidade para sonhar são suas formas defensivas para a sobrevivência, levando a analista sonhar sobre a tragédia filosófica absoluta do Fausto, de Goethe. Questões sobre a transitoriedade e seu impasse, surgiram como num cabo de guerra, de um lado analista e psicanálise, de outro o diabo, chamado Mefistófeles e o analisando representando Fausto.

Palavras-chave: transitoriedade, melancolia, suicídio, psicanálise, diabo

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição, eleva o valor dessa fruição.
(Freud, 1914-1915/1996)

A velhice é sinal de uma vida de sobrevivência até acontecer à cesura de morte. Como estou com 85 anos, posso lhe dizer que depende do vértice. Com certo humor cabe pensarmos que só envelhece quem não morre jovem. Um outro ângulo a ser considerado para estudar outro contraponto é que la vecchiaia non é bruta em si. Pode ser como um bom vinho em recipiente de boa qualidade. Quanto mais tempo de vida bem vivida e maturado torna-se um vinho, mais saudável e saboroso.
(Sapienza, 2021, Comunicação pessoal)

1 Trabalho apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Estou experienciando, em companhia de W, um analisando idoso, o impasse entre a psicanálise e o diabo. Analista tentando ganhar de Mefistófeles³ e o analisando de 81 anos desejando suicidar-se todos os dias. Pensa em tomar em suas mãos a arma no armário e atirar em seus miolos. Seus amanheceres são envolvidos pelo terror, suas tardes, melancólicas e noites, o inferno em dose menor. Taciturno, adentra o setting analítico infestando de lamentações, contagiando o ambiente com odores de crisântemos mórbidos.

Fausto – Em todo traje hei de sentir as penas,
Da vida mísera o cortejo.
Sou velho, para brincar apenas,
Jovem sou, pra ser sem desejo.
Que pode, Fausto, o mundo dar-te?
Deves privar-te, só privar-te!
É o eterno canto, este, que assim
A todo ouvido vibra e ecoa,
Que a vida inteira, até seu fim,
Cada hora, rouca, nos entoa.
Só com pavor desperto de manhã,
Quase a gemer de amargo dó,

Ao ver o dia, que em fugida vã,
Não me cumpre um desejo, nem um só;
Que até o presságio de algum gozo
Com fútil critiquice exclui,
Que as criações de meu espírito audacioso
Com farsas mil da vida obstrui.
Também à noite, com receio,
Terei de me estender no leito;
Também lá, foge-me o repouso, alheio,

3 A figura do diabo já aparece sob o intrigante nome de *Mephostophiles*, em que alguns eruditos pretendem enxergar uma etimologia grega ou hebraica significando “aquele que não ama luz” ou “o destruidor do bem” (Goethe, 2016, p. 9).

Sonhos de horror me angustiarão o peito.
O Deus, que o ser profundo me emociona
E me agita o âmago em que mora,
Que acima de meus brios todos trona,
Não pode atuar nada por fora.⁴
E da existência, assim, o fardo me contrista,
A morte almejo, a vida me é malquista.
(Goethe, 2016, p. 159)

Mefistófeles – Contudo, nunca é a morte aparição bem vista.
Fausto – Feliz a quem cingir, nos ápices da glória.⁵
Mefistófeles – Mas, sei de alguém que um certo extrato amaro
Naquela noite não bebeu.⁶
Fausto – A arte do espião, vejo, é do seu agrado.
Mefistófeles – Tudo eu não sei: porém, ando bem informado.
(Goethe, 2016, p. 161)

O analisando lamenta, repetidamente, ter perdido parcialmente sua visão (impossibilidade para dirigir automóveis) e audição (faz uso frequente do aparelho auditivo). A perda mais relevante é de sua atividade diária caracterizada por uma clientela volumosa. Sua infância, adolescência, vida adulta e idosa foram e são marcadas pela angústia, inibições, sentimento de inferioridade, desamparo, racionalização, negação de experiências emocionais, desafeto enfim, fuga da realidade. Ah! E o sujeito é teimoso. Avesso à socialização, escolheu um caminho narcísico, erguendo uma muralha intransponível para tentar sobreviver

4 Nota no original: “Ao referir a esse Deus que lhe comove o “âmago” da alma (e que “trona acima de todas as minhas forças”, na formulação do original), Fausto exprime a sua impotência na esfera das ações concretas, pois esse Deus não consegue converter em intervenções sobre o mundo exterior o que se passa no íntimo do seio (Busen) que habita (wohnt).

5 Nota no original: O sujeito deste verso é a morte (no original, o pronome pessoal masculino er), a bela morte que acolhe a pessoa num momento sublime, como em meio aos “louros” da glória ou nos braços do ser amado. Nessa perspectiva, Fausto lamenta agora não ter perecido perante a visão do Espírito da Terra.

6 Nota no original: Mefistófeles mostra-se a par da tentativa de suicídio de Fausto, na madrugada anterior ao início das comemorações da Páscoa.

à vida. Permanecia em seu local de trabalho, diariamente, onde saía somente à noite. Exaurido, ia direto para seus aposentos dormir. Havia entre os filhos e ele, a presença de uma barreira espessa e alta. Fez análise aos 50 anos e reclamou que o analista era mudo e o silêncio na sala provocava sensações demoníacas. Evadiu-se. Diz que converso e brinco, ou seja, tenho humor. Estamos em parceria há alguns anos, mas confesso que não está fácil. Ele é pessimista, mal-humorado, solitário, autoritário, mostra-se intensamente assustado e perseguido, vivendo como uma pessoa acoitada e carregado de desconfiança. Penso que tanto reclama que clama pelo Mefistófeles resolver logo o pacto. A insônia o invade há anos, tenta adormecer e tudo se torna impossível para ele.

Seu estado de pânico diário provoca em mim certa impotência. Eu ficava às voltas por resoluções urgentes e decisivas entre a vida e morte e, complacente, atendia suas ligações telefônicas de prontidão aos fins de semana e feriados. De forma disciplinada, o analisando colaborava muito em sua análise, chegava mais cedo e as presenças eram constantes. Discursa sobre a sua infância como trágica. Odeia o pai que saía todas as noites para ir aos puteiros. Dizia que todos os seus traumas infantis originaram-se daí. Sua mãe indagava sobre o paradeiro e o pai ia para cima dela. Franzino, ficava de sobreaviso, pois, já intuía a necessidade de permanecer em vigilância, precisava proteger a mãe. Naquela época, tinha um desconforto que o impedia de brincar. Ficava assistindo de longe o jogo de futebol entre os meninos. Permaneceu anos com esse problema, aterrorizando sua sexualidade.

A adolescência foi marcada pela timidez e ódio ao pai. Em certa sessão, confidenciou que possuía fortes desejos sexuais.

W – Minha ejaculação precoce, originou-se daí.

Apegou-se aos estudos. Sofreu muito, pois havia muita pobreza e sentimento de inferioridade. Sua graduação foi realizada muito distante de casa. Saudade da mãe e impossibilidade financeira para viagens para vê-la. Morava em uma comunidade universitária com

alguns jovens, precisou enfrentar as grandes diferenças de classes sociais para poder finalizar o curso.

W – Enfrentei um grau de ansiedade “sobrenatural”.

Frequente solidão invadia seu peito, congelando. Sua mãe faleceu quando ele inicia atividade remunerada mais significativa. Lamenta-se por não ter podido ajudá-la financeiramente. Casa-se. Inicia seu trabalho diário e se afunda em isolamento, algo do seu desejo. Torna-se pai, um pai ausente, delegando à esposa a função de mãe e pai ao mesmo tempo. Impossibilitado, assim, de poder sonhar em como ser um bom pai.

Impossibilidade em sonhar e incapacidade de ser.

A – Como conviver com os filhos, se o pai internalizado é um monstro.

W – Eu o odeio. Preciso arrancá-lo daqui de dentro... (Fazendo gestos)

Sapienza chama atenção, através dos ensinamentos de Bion, sobre as quatro características da personalidade psicótica:

1. a preponderância de impulsos destrutivos tão grande, que ainda o impulso para amar é sobrepujado e convertido em sadismo;
2. um ódio da realidade interna e externa que se estende a tudo o que possa despertar consciência desta;
3. o pânico de aniquilamento iminente;
4. a formação de relação objetal prematura e precipitada, frágil e tenaz, derivada do conflito nunca decidido entre os instintos de vida e de morte. (1957, p. 33)

E assim seguia o impasse, de um lado analista e a psicanálise e do outro, ele e o diabo, como num cabo de guerra. Certo dia, ele relata ter ligado para seu advogado para questioná-lo a respeito de qual seria o melhor jeito para “suicidar-se” e poder ser contemplado com o seguro

de vida que havia feito. *Enforcamento, envenenamento ou tiro no ouvido?* Claro que o advogado telefona para a família. E, então, passo eu a ser o alvo da família. Penso que todo analista se encontra ao lado de Deus, pois não há outra forma, para parcerias férteis, senão a experiência emocional compartilhada com fé, esperança, complacência, compaixão, amor (L), empatia, senso de realidade e conhecimento (K), no campo analítico (Bion, 2021). E sentimentos como o ódio (H), ciúmes, inveja, fragilidades, angústias e nosso próprio “inferno”, etc. que são re-visitados, paulatinamente, em nossa própria análise pessoal (Bion, 2021).

Mazzari escreve em “A história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal”:

São passagens que se enraízam na infância do próprio autor, como testemunha o relato autobiográfico de *Poesia e verdade* sobre o significado que um presente de sua avó, no Natal de 1753, teve para o menino de 4 anos: “Numa noite de Natal, porém, ela coroou todas as suas bondades ao nos apresentar um teatro de bonecos e, com isso, criar um novo mundo na velha casa”. (Goethe, 2016, p. 7)

E em “A gênese do Fausto goethiano”: “O mais feliz dos homens é aquele que consegue ligar o fim de sua vida ao início” (Goethe, 2016, p. 12)

A criança atormentada

O analisando, frequentemente, apresenta na sala de espera, certa ansiedade por entrar logo. Segue de forma, constante, um tamborilar de dedos alto e rítmico, chegando a ser audível. Tenho, realmente, um ancião quase que diariamente, com o seu infantil atormentado, adentrando o setting analítico.

Não é nada simples conseguir a libertação dos tormentos envolvidos na forma infantil de amar, com suas aspirações absolutas e sua exigência de exclusividade que encerram os personagens em uma célula narcísica e no

obstáculo que impede os atos de conhecer, trabalhar e amar. Querer ser tudo para alguém, possuir e controlar o objeto amado são aspirações que estão no âmago da forma infantil de amar... (Cintra & Figueiredo, 2010, pp. 160-161)

As sessões mais densas são as do início da semana e as das sextas-feiras. Ataque ao vínculo, inveja, expressões de desqualificação da analista, ódio de si mesmo, ódio da esposa pela sua pulsão de vida são questões experienciadas no impasse do par analista-analisando.

No material clínico a seguir, especificarei questões relativas ao impasse do analisando com a transitoriedade. Relatarei toda a sua dificuldade em aceitar e elaborar mudanças inerentes à vida, envelhecimento e o sofrimento pela vida ter sido vivida pela forma como foi, e está sendo. Também a dificuldade em nomear suas emoções.

Sessão choque no elev-a-dor

Meu celular toca insistentemente, já incomodando. Estava em atendimento com uma analisanda no divã. Terminando a sessão, observo que W não se encontrava na sala de espera (ainda não havia tido essa experiência, pois ele sempre está adiantado). Meu celular toca novamente, atendo e W diz:

W – Você está onde?

A – Estou aqui em minha sala, te esperando.

W – A porta está trancada?

A – Não. Acabei de atender e a analisanda saiu agora. Está aberta.

W – Nossa! Estou no andar errado. Espera, então, já chego.

O analisando entra e se deita no divã. Aguardo e, após alguns momentos de silêncio, ele conta que, ao entrar no elevador, encontrou uma pessoa que o deixou tão desorientado que ele desceu no andar errado. Penso que esse encontro foi movido de muitas emoções. Essa experiência e a procura pela porta de minha sala trouxe luz para a entrada em seu

mundo interno. O encontro o fez re-conhecer sentimentos reais para se aproximar mais de si mesmo. Percebeu-se agressivo com raiva e inveja.

Observo como é difícil para o analisando falar o que sente, principalmente sobre perdas. Ele omite sua dor. É mais fácil rotular e dizer que tem depressão, mas depressão é vida, isso o fez procurar a análise.

Winnicott diz “quando eu era estudante de medicina aprendi que a depressão traz dentro de si mesma o germe da recuperação” (1963/1999, p. 60). E acrescenta em seu texto que,

O desenvolvimento e a instalação da força do ego é a característica básica ou importante que indica saúde. De modo natural, o termo “força do ego” vai adquirindo cada vez mais significado, à medida que a criança amadurece. No início, o ego só tem força devido ao suporte egoico dado pela mãe adaptativa, que durante certo tempo é capaz de se identificar muito intimamente com seu bebê.

...

Chega então um período em que a criança se torna uma unidade, torna-se capaz de sentir: EU SOU, tem interior, é capaz de cavalgar suas tempestades instintuais e também é capaz de *conter as pressões e os estresses* gerados na realidade psíquica interna. A criança tornou-se capaz de se sentir deprimida. Essa é uma aquisição do crescimento individual. Nossa visão da depressão está intimamente ligada ao nosso conceito de força do ego, de estabelecimento do self e de descoberta de uma identidade pessoal; é por essa razão que podemos discutir a ideia de que a depressão tem valor. (Winnicott, 1963/1999, pp. 61-62)

Sessão: Agonia

W encontra-se em estado de agonia e relata um sonho. Percebo que ele confunde realidade com o conteúdo onírico manifesto e tenta resolver os problemas apresentados no sonho.

A – Muito interessante. Você sonhou! E o sonho, permanece, mesmo acordado (vigília)!

W – Sim. Há tempos que não trabalho.

A – Gostaria de continuar dormindo para sonhar sua realidade de outrora. Em vigília, a realidade lhe parece cruel. E o presente, o agora, o aqui?

W – Não tenho presente. Não quero viver.

A – Você está aqui, agora. Há a experiência emocional do estar junto com alguém, que sou eu. A recusa pelo novo, pelos sonhos o confunde sobre o futuro e o presente. Você pensa, que não tem nada de valor. Como sofre!

Ele chora.

Ogden vai diretamente ao cerne do que acredita ser o problema de sonhos como o acima descrito enfatizando que,

O aspecto não psicótico do paciente reconhece que o aspecto psicótico está dominando sua personalidade e, conseqüentemente, não pode sonhar. Bion sugere, com essa questão, que na medida em que o paciente é psicótico, ele não consegue diferenciar sonhar de percepção de vigília, i. e., ele não consegue dizer se está adormecido ou acordado.

...

Na ausência de diferenciação entre experiência mental consciente e inconsciente, o indivíduo “não consegue dormir nem acordar”. Ele vive em um mundo em que a percepção gerada internamente (alucinação) é indiferenciável tanto da percepção de acontecimentos externos quando do sonhar. (2014, p. 190)

Sessão: Jabuticabeira

O analisando foi encontrando tarefas para realizar em casa, no seu cotidiano. Sempre traz à tona assuntos sobre uma jabuticabeira de seu quintal, comenta como está carregada de jabuticaba e como os pássaros a flertam devorando as frutinhas. Um dia me presenteou com um saco cheio de jabuticabas, o que passou a fazer sempre. Certo dia, disse:

W – Olhei para a jabuticabeira e ela estava toda peladinha, lembrei de você na hora.

A frase causou um impacto e permaneceu certo tempo, reverberando. Pensei sobre sua dificuldade com vínculos e intimidade, também sobre sua sexualidade tão reprimida.

Nesse momento da sessão, a analista sonha, intuitivamente, sobre uma piada da jabuticaba e lhe conta! Ele riu muito...

O analisando relatou que tudo foi muito difícil em sua vida em relação a sua sexualidade. Reconhecia em si mesmo, desejos incestuosos constantes, algo fora do seu controle. As aproximações corporais o perturbavam muito.

W – Sentia muito ódio, eu desejava ardentemente fazer sexo. Eu me excitava ao observar seios e meu órgão entumecia sempre.

Suas fantasias inconscientes puderam ser reveladas, des-veladas e ampliadas. Hermeticamente fechadas, produziam muitas angústias, pensamentos improdutivos e ausência de um pensar, paralisando a sua vida.

No texto “Entre agonia e desamparo”, Rahel Boraks, nos diz que,

Perdas precoces das relações primeiras, dificultam a aquisição da existência de si e do outro e psicanalistas têm sido enfáticos em descrever o quanto relações objetais defeituosas ou traumatogênicas favorecem clivagem (Roussillon 2014), e passam a ser atuadas ou repetidas, como forma de busca do que permaneceu ausente de si. Quando nos deparamos com estes aspectos petrificados que estão fora da mente e fora do psiquismo, a dimensão do *entre* não existe. O desamparo que implica algo *entre*, já não está ao alcance do indivíduo. É agonia que prevalece. (2020)

Finalizando, Rahel enfatiza que nesse momento em que prevalece a agonia, em que o mundo intrusivo força cisões, impondo muito sofrimento, há um absoluto abolir de si e do outro. Isso leva o indivíduo a não “ser” e nem o outro passa a “ser”. O afeto é abolido, não por perda, mas por congelamento para que não seja experimentado.

Desfecho

A transitoriedade dentro de sua complexidade pode desencadear desdobramentos impeditivos de experiências que envolvem conquistas e realizações no tempo presente. O tempo segue, não espera. “Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela” (Freud, 1914-1915/1996, p. 318).

Estar reconciliado e em comunhão com a infância e a vida adulta é transformador e quando isso não acontece é catastrófico.

O analisando atualmente lamenta ter deixado de usufruir, em quase toda a sua vida, o lado pulsão de vida (Eros). A pulsão de morte foi a forma que encontrou para sobreviver e se defender dos ataques aos quais foi submetido durante sua infância, adolescência, fase adulta e idosa. Em todas as etapas do seu desenvolvimento houve inibição, sintomas e angústia. Ele apresenta empobrecimento de vida psíquica, quase sempre com compulsão à repetição, o que anuncia o seu não pertencimento no mundo.

Deixa de reconhecer o cheiro de uma flor, de um bom vinho, de celebrações, de viver a emoção do dia a dia, por pensar que nada vale a pena. Narcisista, não reconhece a sua esposa como ser humano, mal percebe o seu envelhecimento. Apenas no contexto de sua análise, pôde re-vivenciar e se emocionar expressando choros contidos, acumulados e represados, de um passado longínquo.

A psicanálise em sua essência, conforme Freud nos orienta, trata a sexualidade de forma transcendente, ultrapassando as fronteiras dos genitais. A capacidade de vivenciar a perda e o desejo de re-criar o objeto dentro de si permite ao analisando uma liberdade inconsciente no uso de símbolos. A capacidade de reverie da analista pôde levar o analisando a construir seus próprios símbolos. O cuidado com a jabuticabeira produziu um ciclo que o vitalizou, o florescer exala cheiro de vida e ele espera os frutos doces e apetitosos para degustar.

Podemos pensar que não há verdades absolutas e últimas e, sim, oscilações sobre dúvidas e incertezas, principalmente no encontro com o desconhecido e estranho, tanto nosso, quanto do analisando.

Finalizando, Mefistófeles não pode tudo. Há uma cena em que Fausto apaixonou-se por Margarida, e pede a Mefistófeles que faça com que Margarida se apaixone por ele:

Fausto – Por Deus, essa menina é linda!
Igual não tenho visto ainda.
Tanta virtude e graça tem,
A par do arzinho de desdém.
A boca rubra, a luz da face,
Lembrá-las-ei até o trespasses!
O modo por que abaixa a vista,
Fundo, em minha alma se regista,
Sua aspereza e pudicícia,
Aquilo então é uma delícia!
Escuta, tens de arranjar-me a mocinha!

Mefistófeles – Bem, qual?

Fausto – Passou cá, justamente.

Mefistófeles – Aquela? Ora! do padre vinha
Que de pecados a achou inocente;
Passei ao confessionário rente:
É jovem muito ingênua e boa,
Que foi à confissão à toa;
Sobre essa eu não tenho poder!

Fausto – Mas, quatorze anos já há de ter.⁷
(Goethe, 2016, p. 271)

7 Idade a partir da qual, segundo o direito vigente, começavam a maioridade e maturidade sexual. O contexto deixa claro que Fausto não tem em mente uma proposta de casamento, mas deseja antes a sedução. (Mazzari, 2016, p. 273).

Transitoriedad y sus obstáculos

Resumen: Este trabajo trata de un analizando melancólico que busca el análisis para compartir el dolor y la angustia, vivos y actuales, de su infancia, adolescencia, etapa adulta y anciana. Taciturno, delgado, malhumorado y de difícil acceso, solo desea suicidarse. Lamenta seguir vivo y, al mismo tiempo, se encuentra enojado por las pérdidas inherentes que el tiempo provocó en su vida. El automatismo, la concreción y la incapacidad de soñar son formas defensivas para su supervivencia, llevando a la analista a soñar sobre la tragedia filosófica absoluta del Fausto de Goethe. Las cuestiones sobre la transitoriedad y sus obstáculos surgieron como en un tira y afloja: de un lado, la analista y el psicoanálisis; del otro, el diablo, llamado Mefistófeles, y el analizando representando a Fausto.

Palabras clave: transitoriedad, melancolía, suicidio, psicoanálisis, diablo

Transience and its Obstacles

Abstract: This paper discusses a melancholic analysand who seeks analysis to share the pain and anguish, vivid and present, from his childhood, adolescence, adulthood, and old age. Taciturn, thin, ill-tempered, and difficult to approach, he desires only to end his life. He laments still being alive while, at the same time, feeling anger over the inherent losses that time has brought into his life. Automatism, concreteness, and an inability to dream serve as defensive mechanisms for his survival, leading the analyst to dream about Goethe's absolute philosophical tragedy, Faust. Issues around transience and its obstacles emerge as a tug-of-war: on one side, the analyst and psychoanalysis; on the other, the devil, Mephistopheles, with the analysand representing Faust.

Keywords: transience, melancholy, suicide, psychoanalysis, devil

Referências

- Boraks, R. (2020). Entre agonia e desamparo. Apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, setembro. (Comentador: Miriam Malzyner e Coordenadora: Marlene Rozenberg)
- Cintra, E. M. U. & L. C. Figueiredo (2010). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. Escuta.
- Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1914-1915)

Maria Angelica Amoriello Bongiovani

- Goethe, J. W. von (2016). *Fausto – Parte 1* (M. V. Mazzari, apresentação, comentários e notas). Editora 34.
- Mazzari, M. V. (2016). Comentários. “Goethe e a história do Doutor Fausto: do teatro de marionetes à literatura universal – O assunto fáustico” e “A gênese do Fausto goethiano”. In J. W-. Goethe, *Fausto* (Parte 1). Editora 34.
- Ogden, T. H. (2014). Elementos de estilo analítico: seminários clínicos de Bion.
In T. H. Ogden, *Leituras criativas: ensaio sobre obras analíticas seminais* (T. M. Zalcberg, Trad.). Escuta.
- Sapienza, A. (2016). *Reflexões teórico-clínicas em psicanálise*, cap. 1 Contribuição ao estudo psicanalítico da depressão psicótica, p. 33. Blucher
- Winnicott, D. W. (1999). O valor da depressão. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1963)

Maria Angelica Amorieli Bongiovani

angelicabongiovani@stetnet.com.br